

## Primeira palestra

*Friedrich Max Müller\**  
*tradução de Pedro Rodrigues Camelo\*\**

Texto em domínio público, originalmente publicado em 1873. MÜLLER, Friedrich Max. First lecture. In: MÜLLER, Friedrich Max. *Introduction to the science of religion: four lectures*. Londres: Longmans, 1882. pp. 01-51.

Quando me comprometi pela primeira vez a ministrar um curso de palestras nesta instituição<sup>1</sup>, escolhi para meu assunto a *ciência da linguagem*. O que eu tinha então no coração era mostrar a vocês e ao mundo em geral que o estudo comparativo dos principais idiomas da humanidade se baseava em princípios sólidos e verdadeiramente científicos e que havia trazido à luz resultados que mereciam uma parcela maior de interesse público que eles haviam recebido. Eu tentei convencer não só acadêmicos de profissão, mas historiadores, teólogos e filósofos, todos os que antes sentiam o encanto de olhar interiormente para o funcionamento secreto de sua própria mente, velados e revelados como estão nos entrelaçamentos fluentes da linguagem, que as descobertas feitas pelos filólogos comparativos não poderiam ser ignoradas com impunidade. E eu submeti que, após o progresso alcançado em um estudo científico dos principais ramos do vasto campo da fala humana, nossa nova ciência, a ciência da linguagem, poderia reivindicar por direito seu lugar na Távola Redonda do cavalheirismo intelectual de nossa era.

Tal era a bondade da causa que eu tinha então para defender que, por mais im-perfeito que fosse o pedido, o veredito do público foi imediato e quase unânime. Durante os anos que se passaram desde a apresentação do meu primeiro curso de palestras, a ciência da linguagem teve sua parte integral no reconhecimento público. Se olharmos para o número de livros que foram publicados para o avanço e elucidação

---

\* N.T.: tido como o pioneiro da área e como aquele que cunhou o termo ciência da religião (*Religionswissenschaft*), Max Müller formulou a ideia de que assim como as diferentes linguagens poderiam ser estudadas a partir da comparação, o estudo sobre as religiões também poderiam se beneficiar do mesmo método. É o primeiro autor a utilizar textos sagrados como base e ponto central de comparação entre as religiões.

\*\* Licenciado e especialista em ciências da religião UERN). Contato: [pedror.camelo@hotmail.com](mailto:pedror.camelo@hotmail.com)

1 N.T.: Royal Institution, Londres. Ciclo de palestras viabilizadas pela doação do Lorde Adam Gifford, um jurista que, em seu testamento de 1885, legou uma quantia importante para quatro universidades escocesas (Aberdeen, Edimburgo, Glasgow e St. Andrews) a fim de fomentar a discussão sobre religião numa perspectiva científica. O livro *Introduction to the Science of Religion* é uma coletânea das quatro palestras que foram proferidas pelo autor no Royal Institution em Londres. A partir da próxima nota de rodapé será o texto do autor. Mesmo não estando de acordo com as normas da revista, decidi deixar dessa forma, pois são informações importantes e normas da época da escrita (1870) e do país de origem.

de nossa ciência, ou para os excelentes artigos nas revisões diárias, semanais, quinzenais, mensais e trimestrais, ou nos frequentes avisos de seus resultados espalhados em trabalhos sobre filosofia, teologia e história antiga, podemos descansar satisfeitos. Os exemplos estabelecidos pela França e Alemanha, em criar cadeiras de sânscrito e filologia comparada, têm sido seguidos ultimamente em quase todas as universidades da Inglaterra, Irlanda e Escócia. Nós não precisamos temer pelo futuro da ciência da linguagem. Uma carreira tão auspiciosamente iniciada, apesar de fortes preconceitos que tiveram que ser encontrados, levará de ano a ano para maiores triunfos. Nossas melhores escolas públicas, caso não tenham feito ainda, em breve terão que seguir o exemplo estabelecido pelas universidades. É justo que os estudantes que são obrigados a dedicar tantas horas todos os dias à laboriosa aquisição de línguas, devam ser tomados de vez em quando por um guia seguro para desfrutar, de um ponto de vista mais elevado, aquele panorama vivo da fala humana, pesquisado e cuidadosamente mapeado por exploradores pacientes e ousados descobridores: nem há mais uma desculpa porque, mesmo nas lições mais elementares, eu não deveria dizer, por que mais particularmente nessas lições elementares, as passagens mais sombrias do grego e do latim, da gramática francesa e alemã, não deveriam ser iluminadas pela luz elétrica da filologia comparada.

Quando, no ano passado, viajei para a Alemanha, descobri que as palestras sobre Filologia Comparada eram frequentadas nas universidades por quase todos aqueles que estudavam grego e latim. Em Leipzig, havia centenas de estudantes que lotavam a sala de aula do professor de filologia comparada, e as salas do professor de sânscrito consistiam de mais de cinquenta alunos de graduação, a maioria querendo adquirir aquela soma de conhecimento sobre sânscrito que é absolutamente necessária antes de entrar em um estudo de gramática comparada.

A introdução do grego nas universidades da Europa, no século quinze, dificilmente poderia ter causado uma revolução maior que a descoberta do sânscrito e o estudo da filologia comparada no século dezenove. Muito poucos, na verdade, agora recebem seu diploma de mestrado na Alemanha ou poderiam lecionar em uma escola pública, sem ter sido examinados nos princípios da filologia comparada, ou melhor, nos elementos da gramática sânscrita. Por que deveria ser diferente na Inglaterra? A fibra intelectual, eu sei, não é diferente na juventude da Inglaterra e na juventude da Alemanha, e se há um campo justo e nenhum favor, a filologia comparada, sinto-me convencido, logo se apossará também na Inglaterra, o lugar que deveria ocupar em todas as escolas públicas, e todas as universidades e em todos os exames clássicos<sup>2</sup>.

No começo de hoje, um curso de palestras sobre a *ciência da religião*, – ou deveria antes dizer em alguns pontos preliminares que precisam ser resolvidos antes que possamos entrar em um estudo verdadeiramente científico das religiões do mundo, – eu me sinto como me senti quando primeiro implorei neste mesmo lugar pela ciência da linguagem.

---

2 Desde que foi escrito, Filologia Comparada foi admitida em seu devido lugar na Universidade de Oxford. No primeiro Exame Público, os candidatos a Honras em Literatura Grega ou Latim serão examinados nos elementos da Filologia Comparada como ilustrando as línguas Grega e Latim. No Exame Público final, Filologia Comparada formará um assunto especial, ao lado da história da Literatura Antiga.

Eu sei que devo encontrar antagonistas determinados que irão negar a possibilidade mesmo de um tratamento científico das religiões, como anteriormente negaram a possibilidade de um tratamento científico das linguagens. Eu prevejo até conflitos muito mais sérios com preconceitos familiares e convicções profundamente enraizadas; porém, sinto, ao mesmo tempo, que estou preparado a encontrar meus antagonistas, e tenho tamanha fé em sua honestidade e amor à verdade, que eu não duvido de uma audiência paciente e imparcial da parte deles, e não falo de um veredito influenciado por nada, a não ser pela evidência que terei que colocar diante deles.

Nesses nossos dias, é quase impossível falar de religião sem ofender nem a direita nem a esquerda. Com alguns, a religião parece um assunto muito sagrado para o tratamento científico; com outros, ela está no mesmo patamar da alquimia e astrologia, como um mero tecido de erros e alucinações, bem abaixo da consideração do homem da ciência.

Em certo sentido, aceito ambas as visões. Religião é um assunto sagrado, e seja em sua forma mais perfeita ou imperfeita, tem o direito a nossa mais alta reverência. A esse respeito, podemos aprender algo com aqueles que estão aptos a ensinar. Cito a “Declaração de Princípios” pela qual a igreja fundada por Keshub Chunder Sen professa ser guiado. Após declarar que nenhum objeto criado jamais será adorado, nem qualquer homem ou ser inferior ou objeto material será tratado como idêntico a Deus, ou semelhante a Deus, ou como uma encarnação de Deus, e que nenhuma oração ou hino será dita ou em nome de qualquer um, exceto Deus, a declaração continua:

“Nenhum ser criado ou objeto que tenha sido ou possa vir a ser adorado por qualquer seita deve ser ridicularizado ou desprezado no curso do serviço divino a ser conduzido aqui.”

“Nenhum livro será reconhecido ou recebido como a infalível Palavra de Deus; contudo, nenhum livro que tenha sido ou venha a ser reconhecido por qualquer seita como sendo infalível será ridicularizado ou desprezado.”

“Nenhuma seita será vilificada, ridicularizada ou odiada.”

Pode-se pensar, talvez, que esses amplos sentimentos de tolerância religiosa tenham sido emprestados por Keshub Chunder Sen, ou melhor, pelo fundador do Brahma-Samâj, Rammohun Roy, dos escritores cristãos. Isso pode ser verdade. Mas eles não precisam ter ido à Europa por esses princípios verdadeiramente cristãos. Eles podem tê-los encontrado inscritos nas rochas da Índia, colocadas há mais de 2000 anos por Asoka, que governou de 259 a 222 AEC, que havia abandonado a antiga religião védica e adotara os princípios de Buda, diz em um de seus éditos: “O Rei Piyadasi deseja que todas as seitas vivam em todos os lugares (não molestados); porque todos eles aprovam a contenção (dos sentidos) e a purificação da alma”. E novamente “O Rei Piyadasi honra todas as seitas, monges e donos de casa; ele os honra pela liberalidade e vários tipos de favores... Mas existe uma lei fundamental para todas as seitas, a moderação na fala, que não se deve exaltar a própria seita em condenar as outras, e não depreciá-las levianamente, mas, ao contrário, deve-se mostrar sempre às outras seitas a honra que lhes é devida. Dessa maneira, a pessoa exalta a própria seita e beneficia as outras, enquanto, ao agir de outro modo, prejudica a própria seita e não beneficia as outras. Aquele que exalta sua própria seita e menospreza as outras faz da devoção à sua própria seita a fim de torná-la ilustre, mas, realmente agindo dessa forma, ele apenas prejudica

sua própria seita. Portanto, só a paz é boa, para que todas ouçam e escutem de bom grado as opiniões das outras”<sup>3</sup>.

Os estudantes da ciência da religião devem, em todo caso, empenhar-se para não ser superados na imparcialidade por esse antigo rei. E, quanto a mim mesmo, posso prometer que ninguém que comparecer a essas palestras, seja ele cristão ou judeu, hindu ou maometano, ouvirá seu próprio modo de servir a Deus falado irreverentemente<sup>4</sup>. Mas a verdadeira reverência não consiste em declarar um assunto, por ser caro para nós, ser inadequado para uma investigação livre e honesta: longe disso! A verdadeira reverência é mostrada ao tratar todo assunto, por mais sagrado, por mais querido para nós, com perfeita confiança; sem medo e sem favor; com ternura e amor, por todos os meios, mas, antes de tudo, com uma lealdade inabalável e resoluta à verdade.

Por outro lado, admito plenamente que a religião ficou em eras passadas, e que também fica na nossa própria época, se olhássemos para o exterior, e se olhássemos para alguns dos lugares mais altos e alguns dos mais baixos em casa, em um nível igual ao da alquimia e astrologia. Existem superstições pouco aquém do fetichismo; e, o que é pior, existe hipocrisia, tão ruim quanto a dos augúrios romanos.

Na vida prática, seria errado assumir uma posição neutra entre tais visões conflitantes. Onde vemos que a reverência devida à religião é violada, somos obrigados a protestar; onde vemos que a superstição destrói as raízes da fé e a hipocrisia envenena as fontes da moralidade, precisamos tomar partido. Mas, como estudantes de ciência da religião, nos movemos em uma atmosfera mais alta e mais serena. Nós estudamos o erro, como o fisiologista estuda uma doença, procurando suas causas, traçando sua influência, especulando sobre possíveis remédios deste *ζερός νόσος*, mas deixando a aplicação de tais remédios a uma classe diferente de homens, ao cirurgião e ao médico. *Diversos diversa juvant* aplica-se aqui como em qualquer outro lugar, e uma divisão do trabalho, de acordo com as habilidades e gostos peculiares de diferentes indivíduos, sempre produzirá os melhores resultados. O estudante da história das ciências físicas não está zangado com os alquimistas, nem argumenta com os astrólogos: ele prefere tentar entrar em sua visão das coisas e descobrir nos erros da alquimia as sementes da química, e nas alucinações da astrologia pessoas que ansiavam e apalpavam um verdadeiro conhecimento dos corpos celestes. É o mesmo com o estudante de ciência da religião. Ele quer saber o que é a religião, qual fundação ela tem na alma do homem e que leis ela segue em seu crescimento histórico. Para esse propósito, o estudo do erro, para ele, é mais instrutivo que o estudo daquela religião que ele considera a verdadeira, e o augúrio sorridente como um assunto interessante como o suplicante romano que velou seu rosto em oração, para que ele pudesse estar sozinho com seu Deus.

O próprio título da ciência da religião irá chiar, eu sei, nos ouvidos de muitas pessoas,

---

3 “Les Inscriptions de Piyadasi,” par E. Senart, 1881, p. 174; Septième Edit; p. 249, Douzième Edit.

4 Minha atenção foi direcionada para um curioso exemplo de atavismo real. Meu bisavô, Basedow, o fundador do *Philanthropinum*, em Dessau, escreveu quase *totidem verbis* “que no serviço divino geral em sua escola nada deveria acontecer por palavra ou ação, que não pudesse ser aprovado por todo adorador de Deus, seja ele cristão, judeu, maometano ou deísta”. Ver “Archiv für Lebensbeschreibung”, p. 63; Raumer, *Geschichte der Pädagogik*, ii. P. 274.

e uma comparação de todas as religiões do mundo, na qual ninguém pode reivindicar uma posição privilegiada, sem dúvida parecerá, a muitos, perigosa e repreensível<sup>5</sup>, porque ignora aquela reverência peculiar que todos, até o mero adorador de fetiche, sentem por sua *própria* religião e por seu *próprio* Deus. Deixe-me dizer agora que eu mesmo compartilhei essas dúvidas, mas que tentei superá-las, porque eu não poderia e não deveria me permitir entregar o que considero ser a verdade, ou o que eu ainda tenho mais querido que a verdade, o direito de testar a verdade. Nem me arrependo. Eu não digo que a ciência da religião é só ganho. Não, isso implica perdas e perdas de muitas coisas que nos são caras. Mas isto eu direi, que no que diz respeito ao meu humilde julgamento, isso não implica a perda de nada que seja essencial à verdadeira religião, e que se atingirmos honestamente o equilíbrio, o ganho é incomensuravelmente maior do que a perda.

Uma das primeiras perguntas feitas por acadêmicos clássicos quando convidados a considerar o valor da ciência da linguagem foi: “o que devemos ganhar com um estudo comparado de idiomas?”. As línguas, dizia-se, são procuradas para fins práticos, para falar e ler; e estudando muitas línguas ao mesmo tempo, corremos o risco de perder a compreensão firme que devemos ter sobre as poucas que são realmente importantes. Nosso conhecimento, ao se tornar mais amplo, deve-se pensar que as necessidades se tornaram mais rasas, e o ganho, se é que existe, em conhecer a estrutura de dialetos que nunca produziram nenhuma literatura, certamente seria superada pela perda de conhecimento preciso e prático.

Se isso pode ser dito de um estudo comparado de línguas, com quanta maior força será imposta contra um estudo comparado das religiões! Embora eu não espere que aqueles que estudam livros religiosos brâmanes e budistas, de Confúcio ou Lao Tsé, de Maomé ou Nânak, serão acusados de nutrir em seus corações secretos as doutrinas daqueles antigos mestres, ou de terem perdido a firmeza de suas próprias convicções religiosas, ainda duvido que a utilidade prática de estudos mais amplos no vasto campo dos religiosos do mundo seja admitida com maior prontidão por teólogos professos do que o valor de um conhecimento de sânscrito, zenda, gótico ou celta, para um profundo conhecimento do grego e latim, e para uma apreciação real da natureza, do propósito, das leis, do crescimento e decadência da linguagem foram admitidos, ou até mesmo agora são admitidos, por alguns de nossos mais eminentes palestrantes e professores.

As pessoas perguntam: o que é ganho por comparação? – Ora, todo conhecimento superior é adquirido por comparação e repousa na comparação. Se é dito que o caráter da pesquisa científica em nossa era é comparativamente preeminente, isso realmente significa que nossos pesquisadores estão agora baseados nas mais amplas evidências que podem ser obtidas, nas induções mais amplas que podem ser captadas pela mente humana.

O que pode ser ganho por comparação? – Olhe para o estudo das línguas. Se você voltar em cem anos e examinar os fólhos dos escritores mais eruditos sobre questões

---

5 “A chamada ‘ciência da religião’ dos dias atuais, com suas tentativas de colocar em competição os livros sagrados da Índia e as Sagradas Escrituras, está profundamente a ser depreciada”. Bispo de Gloucester.

relacionadas com a linguagem, e abrir um livro escrito por um mero novato da filologia comparada, você verá o que pode ser obtido, o que foi ganho, pelo método comparado. Há algumas centenas de anos, a ideia de que o hebraico era a língua original da humanidade era aceita como uma questão natural, mesmo como uma questão de fé, sendo o único problema descobrir por qual processo o grego, ou o latim, ou qualquer outra língua, poderia ter se desenvolvido a partir do hebraico. A ideia, também, de que a linguagem era revelada, no sentido escolástico do mundo, era geralmente aceita, embora, já no século quarto, São Gregório, o erudito bispo de Níssa, protestasse veementemente contra ela<sup>6</sup>. O arcabouço gramatical de uma língua era ou considerado como resultado de um acordo convencional, ou as terminações de substantivos e verbos deveriam ter brotado como brotos a partir das raízes e caules da linguagem; e a semelhança mais vaga do som e no significado das palavras foi considerado um critério suficiente para testar sua origem e seu relacionamento. De todo esse sonambulismo filológico, dificilmente encontramos vestígios em obras publicadas desde os dias de Humboldt, Bopp e Grimm.

Houve perda aqui? Não é mais pura novamente? A linguagem excita menos a nossa imaginação porque sabemos que, embora a faculdade de falar seja a obra d'Aquele que trabalha em todas as coisas, a invenção das palavras para nomear cada objeto foi deixada ao homem, e foi alcançada através do trabalho da mente humana? O hebraico é menos cuidadosamente estudado porque não se acredita mais que seja uma língua revelada, enviada do céu, mas uma língua intimamente aliada ao árabe, siríaco e babilônico antigo, e recebendo luz desses cognatos e, em alguns aspectos, mais definitivos, línguas, para a explicação de muitas de suas formas gramaticais, e para a interpretação exata de muitas de suas palavras obscuras e difíceis? A articulação do grego e do latim é menos instrutiva, porque em vez de ver nas terminações de substantivos e verbos sinais meramente arbitrários para distinguir o plural do singular, ou o futuro do presente, podemos agora perceber um princípio inteligível no gradualismo, produção de formal a partir dos elementos materiais da linguagem? E as nossas etimologias são menos importantes porque, em vez de serem sugeridas por semelhanças superficiais, estão agora baseadas em pesquisas históricas e fisiológicas honestas? Por fim, nossa própria linguagem deixou de ter seu próprio lugar peculiar? O nosso amor pela nossa própria língua nativa é prejudicado? Os homens falam menos corajosamente ou rezam em menos fervor na sua própria língua materna porque conhecem a sua verdadeira origem e a sua história sem adornos; porque sabem que tudo na linguagem que vai além dos objetos do sentido é e deve ser pura metáfora? Ou qualquer um deplora o fato de que existe em todas as línguas, mesmo nos jargões dos mais baixos selvagens, ordem e sabedoria; não, algo que faz o mundo semelhante?

Porque, então, deveríamos hesitar em aplicar o método comparativo, que produziu resultados tão bons em outras esferas do conhecimento, a um estudo da religião? Que isso mudará muitas das opiniões comumente mantidas sobre a origem, o caráter,

---

6 “Palestras sobre a ciência da linguagem”, vol. I. P. 32

o crescimento e a decadência das religiões no mundo, e não nego; mas, a menos que tenhamos esta progressão destemida em novas investigações, que é nosso dever sagrado e nosso orgulho sincero em todos os ramos do conhecimento, é perigoso no estudo das religiões, a menos que nos deixemos amedrontar com o dito uma vez famoso, que o que quer que seja novo na teologia é falso, esta deve ser a razão pela qual um estudo comparado das religiões não deve ser mais negligenciado ou retardado.

Quando os estudantes da filologia comparada adaptaram corajosamente o paradoxo de Goethe: “Aquele que conhece uma língua não conhece nenhuma”, as pessoas ficaram atônitas de início; mas logo começaram a sentir a verdade que estava escondida sob o paradoxo. Poderia Goethe ter querido dizer que Homero não sabia grego ou que Shakespeare não sabia inglês, porque nenhum deles sabia mais do que sua própria língua materna? Não! O que queria dizer foi que nem Homero nem Shakespeare sabiam o que essa língua realmente era, o que ele fez com muito poder e astúcia. Infelizmente, o antigo verbo “to can” / do qual “astuto” e “astuto” está perdido em inglês, caso contrário, poderíamos expressar em duas palavras nosso significado e manter dois tipos de conhecimento dos quais estamos falando aqui. Como dizemos em alemão *können* não é *kennen*, poderíamos dizer em inglês, “to can”, que é ser astuto, não é “ken”, isto é, saber; e então se tornaria claro de uma vez, que o orador mais eloquente e o mais talentoso poeta, com toda a sua astúcia de palavras e domínio habilidoso da expressão, teria apenas de dizer se perguntado, o que é realmente a linguagem? O mesmo se aplica à religião. *Quem conhece uma, não conhece nenhuma*. Existem milhares de pessoas cuja fé é tal que poderiam mover montanhas, e quem ainda, se fossem perguntados o que a religião realmente é, permaneceriam em silêncio, ou fariam de símbolos externos e não da natureza interior, ou da faculdade de fé.

Será facilmente percebido que religião significa pelo menos duas coisas muito diferentes. Quando falamos da religião judaica, cristã ou hindu, queremos dizer um corpo de doutrinas transmitidas pela tradição, ou em livros canônicos, e contendo tudo o que constitui a fé de judeus, cristãos ou hindus. Usando a religião nesse sentido, podemos dizer que um homem mudou sua religião, isto é, que adotou o cristianismo em vez do corpo bramânico de doutrinas religiosas, assim como um homem pode aprender a falar inglês em vez de hindustâni.

Mas a religião também é usada em um sentido diferente. Como há uma faculdade de fala, independente de todas as formas históricas da linguagem, há uma faculdade de fé no homem, independente de todas as religiões históricas. Se dissermos que é a religião que distingue o homem do animal, não queremos dizer a religião cristã ou judaica; nós não queremos dizer nenhuma religião especial; mas nos referimos a uma faculdade mental ou disposição que, independente de, apesar do sentido e da razão, capacita o homem a apreender o Infinito sob diferentes nomes e sob disfarces. “Sem essa faculdade, nenhuma religião, nem mesmo a mais baixa adoração de ídolos e fetiches, seria possível; e se nós escutamos atentamente, podemos ouvir em todas as religiões um gemido do espírito, uma luta para conceber o inconcebível, proferir o indizível, um anseio pelo Infinito, um amor de Deus. Se a etimologia que os antigos davam à palavra grega *άνθρωπος*, homem, seja verdadeira ou não (eles a derivaram de *ó άνω*

ὄθρῶν, aquele que olha para cima), certo é que o que faz do homem um homem, é que só ele pode virar seu rosto para o céu certo e que só ele anseia por algo que nem o sentido nem a razão podem fornecer, não o que algo que o senso e a razão por si mesmos estão fadados a negar.

Se então há uma disciplina filosófica que examina as condições de conhecimento sensitivas ou intuitivas, e se há outra disciplina filosófica que examina as composições de conhecimento racional ou conceitual, há claramente um lugar para uma terceira disciplina filosófica que tem que examinar a existência e as condições daquela terceira faculdade do homem, coordenada com, porém independente de, sentido e razão, a faculdade do Infinito<sup>7</sup>, que está na raiz de todas as religiões. Em alemão, podemos distinguir essa terceira faculdade pelo nome de vernunft, em oposição a verstand, razão, e sinn, sentido. Em inglês, não conheço melhor nome para ela, do que a faculdade de fé, embora deva ser guardada para uma definição cuidadosa, a fim de limitá-la apenas àqueles objetos que não podem ser fornecidos pela evidência dos sentidos, ou, pela evidência da razão, e a existência e a existência de que é, no entanto, postulado por algo sem nós, ao qual não podemos resistir. Nenhum fato histórico simplesmente pode cair sob o conhecimento da fé, em nosso sentido da palavra.

Se olharmos para a história do pensamento moderno, descobrimos que a escola dominante de filosofia, anterior a Kant, reduziu toda a atividade intelectual a *uma* faculdade, aquela dos sentidos. “*Nihil in intellectu quod non ante fuerit in sensu*” – “Nada existe no intelecto, mas o que existia antes nos sentidos” era o lema deles; e Leibniz respondeu epigramaticamente, mas mais profundamente, “*Nihil-nisi intellectus*”, “Sim, nada além do intelecto”. Seguiu-se então Kant, que, em sua “Crítica da Razão Pura”, escrita noventa anos atrás, mas ainda não antiquada, provou que nosso conhecimento requer, além dos dados de sensação, a admissão das intuições de espaço e tempo e as categorias, ou, como poderíamos chamá-las, as leis e necessidades do entendimento. Satisfeito por ter estabelecido o caráter a priori das categorias e as intuições de espaço e tempo, ou, para usar sua própria linguagem técnica, satisfeito por ter provado a possibilidade de juízos sintéticos a priori, Kant se recusou a ir mais longe, e ele energeticamente negou ao intelecto humano o poder de transcender o finito, ou a faculdade de se aproximar do Infinito. Ele fechou os antigos portões através dos quais o homem havia olhado para o Infinito; mas, apesar de si mesmo, ele foi conduzido em sua “Crítica da Razão Prática” a abrir uma porta lateral pela qual admitir o senso de dever e, com ele, o sentido do divino. Isso sempre me pareceu o ponto vulnerável na filosofia de Kant, pois se a filosofia tem que explicar o que é, não o que deveria ser, haverá e não haverá descanso até admitirmos que existe no homem uma terceira faculdade, que eu chamo simplesmente a faculdade de apreender o infinito, não apenas na religião, mas em todas as coisas; um poder independente de sentido e razão, um poder em certo sentido contradito por sentido e razão, mas ainda assim um poder muito real, que se mantém

---

7 Eu uso a palavra Infinito porque é menos provável que seja mal entendida que o Absoluto, o Incondicionado ou o Incognoscível. Sobre a distinção entre o Infinito e o Indefinido, ver Kant, Crítica da Razão Pura, traduzido por M. M., vol. ii, p. 443.



desde o começo do mundo, nem sentido nem razão sendo capaz de superá-lo, enquanto só ele é capaz de superar em muitos casos tanto razão e sentido<sup>8</sup>.

De acordo com os dois significados da palavra religião, então, a ciência da religião é dividida em duas partes; a primeira, que tem que lidar com as formas históricas da religião, é chamada teologia comparada; a segunda, que tem de explicar as condições sob as quais a religião, seja em sua forma mais alta ou mais baixa, é possível, é chamada teologia teórica.

Teremos presentemente de lidar apenas com a primeira; será meu objetivo mostrar que os problemas que ocupam principalmente a teologia teórica não devem ser tomados até que todas as evidências que possam possivelmente ser obtidas de um estudo comparativo das religiões do mundo tenham sido inteiramente coletadas, classificadas e analisadas. Tenho certeza de que chegará o tempo em que tudo que está agora escrito sobre teologia, seja do ponto de vista eclesiástico ou filosófico, parecerá tão antiquado, tão estranho, tão inexplicável quanto as obras de Vossius, Hemsterhuys, Valckenaer e Lennep, ao lado da gramática comparada de Bopp.

Pode parecer estranho que, embora a teologia teórica, ou a análise das condições internas e externas sob as quais a fé é possível, tenha ocupado tantos pensadores, o estudo da teologia comparativa nunca foi levado a sério. Mas a explicação é muito simples. Os materiais sobre os quais somente um estudo comparativo das religiões da humanidade poderia ter sido fundado não eram acessíveis em tempos passados, enquanto em nossos dias eles vieram à tona em tal profusão que é quase impossível para qualquer indivíduo dominar todos eles.

É bem sabido que o imperador Akbar (1542-1605) tinha uma paixão pelo estudo das religiões, e que ele convidou para sua corte judeus, cristãos, maometanos, brâmanes e zoroastristas, e teve tantos de seus livros sagrados quanto ele poderia ter acesso, traduzidos para o seu próprio estudo<sup>9</sup>. No entanto, quão pequena a coleção de livros sagrados que até mesmo um imperador da Índia poderia comandar não mais de 300 anos atrás, comparado ao que pode ser encontrado na biblioteca de qualquer acadêmico pobre! Temos o texto original do Veda, que nem os subornos nem as ameaças de

---

8 Como esta passagem deu origem a estranhos mal-entendidos, cito uma passagem de outra palestra minha, ainda não publicada: “É difícil falar da mente humana em qualquer linguagem técnica sem ser chamado à ordem por algum filósofo ou outro. Segundo alguns, a mente é una e indivisível, e é o assunto apenas da nossa consciência que dá aos atos da mente as diferentes aparências de sentir, lembrar, imaginar, saber, querer ou acreditar. Segundo outros, a mente, enquanto sujeito, não tem existência, e nada deve ser mencionado, exceto estados de consciência, alguns passivos, outros ativos, outros mistos. Eu próprio fui severamente criticado por me aventurar a falar, neste nosso iluminado século XIX, de diferentes faculdades mentais – sendo faculdades criações puramente imaginárias, filhos ilegítimos do escolasticismo medieval. Agora confesso que estou mais divertido do que assustado com tal pedantismo. A faculdade, *facultas*, parece-me uma palavra tão boa que, se não existisse, deveria ser inventada para expressar os diferentes modos de ação daquilo que ainda podemos chamar nossa mente. Isso não nos compromete mais do que se fôssemos falar das *instalações* ou *agilidades* da mente, e aqueles que apenas mudam as forças da natureza em deuses ou demônios ficariam assustados com as faculdades como monstros de olhos verdes sentados nos escuros recessos do nosso Eu. Isso não nos compromete mais do que se fôssemos falar das instalações ou agilidades da mente, e aqueles que apenas mudam as forças da natureza em deuses ou demônios ficariam assustados com as faculdades como monstros de olhos verdes sentados nos escuros recessos do nosso Eu. Portanto, reterei o nome de faculdade”. Sobre a necessidade de admitir uma faculdade de percepção do infinito, tratei mais a fundo nas minhas “Palestras sobre a Ciência da Linguagem”, vol. ii. pp. 625-632. O assunto é habilmente discutido por Nicotra Sangiacomo, em *L’Infinito di Max-Müller*, Catania, 1882.

9 “História da Índia” de Elphinstone, ed. Cowell, livro ix. cap. 3.

Akbar poderiam extorquir dos brâmanes. A tradução do Veda que ele disse ter obtido foi uma tradução do chamado Atharva-veda e compreendia muito provavelmente os Upanishads apenas, místicos e filosóficos, muito interessantes, muito importantes em si mesmos, mas tão distantes da antiga poesia do Veda como o Talmud é do Antigo Testamento, como o sufismo é do Alcorão. Temos a Zendavesta, os escritos sagrados dos chamados adoradores do fogo, e possuímos traduções dela, muito mais completas e mais corretas do que qualquer outra que o imperador Akbar obteve de Ardsher, um sábio Zoroastrista que ele convidou da Carmânia para a Índia<sup>10</sup>. A religião de Buda, certamente em muitos aspectos mais importante do que o bramanismo, ou o zoroastrismo, ou o maometismo, nunca é mencionada nas discussões religiosas que ocorrem todas as noites de quinta-feira<sup>11</sup> na corte imperial de Délhi. Abulfazl, diz-se, o ministro de Akbar, não encontrou ninguém para ajudá-lo em suas investigações a respeito do budismo. Nós possuímos todo o cânone sagrado dos budistas em várias línguas, em páli, birmanês e siamês, em sânscrito, tibetano, mongol e chinês, e é nossa culpa inteiramente, se até agora não há tradução completa em qualquer língua europeia desta importante coleção de livros sagrados. As antigas religiões da China novamente, a de Confúcio e a de Lao Tsé, podem agora ser estudadas em excelentes traduções de seus livros sagrados por qualquer pessoa interessada em antigas crenças da humanidade.

Mas isso não é tudo. Devemos, particularmente aos missionários, relatos cuidadosos da crença religiosa e da adoração entre tribos muito inferiores na escala da civilização do que os poetas dos hinos védicos ou os seguidores de Confúcio. Embora a crença de selvagens africanos e melanésios seja mais recente em termos de tempo, pode ou não representar uma fase anterior e muito mais primitiva em termos de crescimento e é, portanto, tão instrutiva para o estudante da religião quanto o estudo de dialetos não cultivados provou ao estudante de linguagem<sup>12</sup>.

Por fim, e creio que essa é a vantagem mais importante de que desfrutamos como estudantes da história da religião, aprendemos as regras da erudição crítica. Ninguém se arriscaria, hoje em dia, a citar qualquer livro, seja sagrado ou profano, sem ter feito estas perguntas simples, mas importantes: quando foi escrito? Onde? E por quem? O autor foi uma testemunha ocular, ou ele apenas relata o que ouviu dos outros? E se este último foram seus autores pelo menos contemporâneos com os eventos que eles relatam, e eles estavam sob o modo de sentimento de grupo ou qualquer outra influência perturbadora? O livro inteiro foi escrito de uma só vez ou contém partes de uma data anterior? E, se assim for, é possível separar esses documentos anteriores do corpo do livro?

Um estudo dos documentos originais nos quais as principais religiões do mundo professam ser fundadas, realizado nesse espírito, permitiu que alguns de nossos melhores estudiosos vivos distinguissem, em cada religião, entre o que é realmente antigo e o que é comparativamente moderno; entre o que eram as doutrinas dos fundadores e seus discípulos imediatos, e quais eram os pós-julgamentos e, geralmente, as corrupções dos

---

10 Ver "Journal of the Asiatic Society of Bengal", 1868, p. 14

11 Ver "Ami Akbari", traduzido por Blochmann, p.171, nota 3.

12 Ver Tiele, "De Plaats van de Godsdiensten der Naturvolken in Godsdienstgeschiedenis", Amsterdã, 1873. E.B. Tylor, 'Quinzenal Review', 1866, p. 71

séculos posteriores. Um estudo desses desenvolvimentos posteriores, dessas corrupções posteriores, ou, talvez, melhorias, não é isento de seu charme peculiar e é repleto de lições práticas: ainda assim, é essencial que conheçamos as formas mais antigas de todos os tipos. Antes de procedermos a quaisquer comparações, é indispensável que tenhamos uma concepção clara da forma mais primitiva de cada religião, antes de determinarmos seu próprio valor e compará-la com outras formas de fé religiosa. Muitos muçulmanos ortodoxos, por exemplo, relatarão os milagres realizados por Maomé; mas no Alcorão, Maomé diz distintamente que ele é um homem como outro homem. Desdenha de fazer milagres e apela para as grandes obras de Allah, o nascer e o pôr do sol, a chuva que frutifica a terra, as plantas que crescem e as almas vivas que nascem no mundo – quem sabe por que motivo? – como os verdadeiros sinais e maravilhas aos olhos de um verdadeiro crente. “Sou apenas um informante”, diz ele; “Eu não posso te mostrar um sinal – um milagre – exceto o que você vê todo dia e noite. Os sinais estão com Deus”<sup>13</sup>.

As lendas budistas estão cheias de miseráveis milagres atribuídos a Buda e seus discípulos – milagres que em maravilhas certamente superam os milagres de qualquer outra religião; no entanto, em seu próprio cânone sagrado, um ditado de Buda é registrado, proibindo seus discípulos de fazer milagres, embora desafiados para fazê-lo, pelas multidões que exigiam um sinal de que poderiam acreditar. E qual é o milagre que Buda manda seus discípulos realizar? “Escondam suas boas ações”, diz ele, “e confessem diante do mundo os pecados que vocês cometeram”. Esse é o verdadeiro milagre de Buda.

O hinduísmo moderno repousa sobre o sistema de castas como sobre uma rocha que nenhum argumento pode abalar: mas, no Veda, a mais alta autoridade da crença religiosa dos Hindus, não há menção ao complicado sistema de castas, tal como o encontramos em Manu: não em um lugar onde as classes ordinárias da Índia, ou qualquer outra sociedade, são aludidas, ou seja, os sacerdotes, os guerreiros, os cidadãos e os escravos, todos são representados tanto como Brahman, a fonte de todo ser.

Seria demais dizer que a análise crítica das autoridades para um estudo de cada religião já foi totalmente realizada. Ainda há trabalho suficiente para ser feito. Mas um começo, e um começo muito bem sucedido, foi feito, e os resultados assim trazidos à luz servirão como uma cautela saudável para todos que estão engajados em pesquisas religiosas. Assim, se estudarmos a religião primitiva dos Vedas, temos que distinguir com mais cuidado, não apenas entre os hinos reunidos em Sâma-veda, Yagur-veda e Athafva-veda, mas os estudiosos críticos distinguem com igual cuidado entre os hinos mais antigos e os mais modernos do Rig-veda em si, na medida em que mesmo as mais fracas indicações de linguagem, de gramática ou de métrica lhes permitem fazê-lo.

A fim de obter uma visão clara dos motivos e impulsos do fundador da adoração Ahuramazda, devemos principalmente, se não inteiramente, depender daquelas partes da Zendavesta que estão escritas no dialeto de gâthâ, um dialeto mais primitivo do que o de o resto do código sagrado dos zoroastrianos.

Para fazer justiça ao Buda, não devemos misturar as porções práticas do Tripitaka, o dharma, com as relações metafísicas, o abhidharma. Ambos, é verdade, pertencem

---

13 “Os Discursos e Conversas de Mesa do Profeta Maomé”, de Stanley Lane-Poole, 1882, Introd. p. xxxvi e xli.

ao cânone sagrado dos budistas; mas suas fontes originais estão em latitudes muito diferentes do pensamento religioso.

Temos na história do budismo uma excelente oportunidade para observar o processo pelo qual um cânone de livros sagrados é chamado à existência. Vemos aqui, como em outros lugares, que, durante a vida do professor, nenhum registro de eventos, nenhum código sagrado contendo os ditos do mestre era desejado. Sua presença era suficiente e pensamentos sobre o futuro e, mais particularmente, sobre a grandeza futura, raramente penetravam nas mentes daqueles que o seguiam. Foi somente depois que Buda deixou o mundo que seus discípulos se lembraram de relembrar os ditos e feitos de seu falecido amigo e mestre. Naquela época, tudo que parecia redundar para a glória de Buda, por mais extraordinário e incrível que fosse, era muito bem-vindo, enquanto testemunhas que se aventuravam a criticar ou rejeitar declarações sem apoio ou a desvirtuar de alguma forma o caráter sagrado de Buda não teriam a chance de sequer serem ouvidas<sup>14</sup>. E quando, apesar de tudo isso, surgiram diferenças de opinião, elas não foram trazidas à prova por uma ponderação cuidadosa das evidências, mas os nomes de “incrédulo” e “herético” (*nâstika*, *pâshanda*) foram rapidamente inventados na Índia como em outro lugar, e se voltaram para trás e para frente entre partidos contenciosos, até que, finalmente, quando os doutores discordaram, a ajuda do poder secular teve de ser invocada, e reis e imperadores reuniram conselhos para a supressão do cisma, para a resolução de um credo ortodoxo e para a conclusão de um cânone sagrado. Conhecemos o rei Asoka, contemporâneo de Seleuco, enviando sua missiva real para os demais e dizendo-lhes o que fazer e o que evitar, advertindo-os também em seu próprio nome do caráter apócrifo ou herético de certos livros que, como ele pensa, não devem ser admitidos no cânone sagrado<sup>15</sup>.

Aqui aprendemos uma lição, que é confirmada pelo estudo de outras religiões, que os livros canônicos, embora forneçam na maioria dos casos a mais antiga e mais autêntica informação ao alcance do estudante de religião, não são confiáveis, implicitamente, não, que eles devem ser submetidos a uma crítica mais gratificante e a testes mais rigorosos do que quaisquer outros livros históricos. Para esse propósito, a ciência da linguagem provou ser, em muitos casos, um auxiliar muito valioso. Não é fácil imitar a linguagem antiga para enganar o olho praticado do gramático, mesmo que fosse possível imitar um pensamento antigo que não deveria trair ao historiador sua origem moderna. Um

---

14 “Mahāvansa”, p. 12, *Nānnehi tatha vatthabam* (ilegível), “não se pode permitir que outros sacerdotes estejam presentes”.

15 A seguir, a tradução do Professor Kern da Segunda Inscrição da Rocha de Bairat, contendo o rescrito que Asoka dirigiu ao Conselho de Magadha: “O Rei Priyadarsin de Magadha cumprimenta a Assembleia (dos Clérigos) e deseja-lhes bem-estar e felicidade. Vocês sabem, Senhores, quão grande é nossa reverência e afeição pela Triade que é chamada de *Buda* (o Mestre), *Fé* e *Assembleia*. Tudo o que nosso Senhor Buda falou, meus Senhores, é bem falado. Portanto, Senhores, deve-se de fato ser considerado como tendo autoridade indiscutível, se a verdadeira fé durar por muito tempo. Assim, meus Senhores, eu honro em primeiro lugar estas obras religiosas: - Resumo da Disciplina, Os Poderes Sobrenaturais do Mestre (ou dos Mestres), Os Terrores do Futuro, A Canção do Eremita, O Sûtra do Ascetismo, A Questão de Upatishya e a Advertência de Râhula sobre a Falsidade, proferida por nosso Senhor Buda. Essas obras religiosas, Senhores, desejo que os monges e freiras, para o avanço de seu bom nome, estudem e lembrem-se de forma ininterrupta, como também os laicos do sexo masculino e feminino. Para este fim, meus senhores, eu faço com que isto seja escrito e tenha feito meu desejo evidente”. Veja *Indish Antiquary*, vol. v. p. 257; Cunningham, *Corpus Inscript.* “Índic”, p. 132; Oldenberg, “*Vinayapitaka*”, vol. i. *Introd.* p. xl.

livro escrito, o *Ezour-Veda*, que enganou até mesmo Voltaire, e foi publicado por ele como “o presente mais precioso pelo qual o Ocidente estava em dívida com o Oriente”, dificilmente poderia se impor a qualquer erudito em sânscrito dos dias atuais. Esse presente mais precioso do Oriente para o Ocidente é o mais tolo livro que pode ser lido pelo estudante de religião, e tudo o que se pode dizer em sua defesa é que o escritor original nunca quis dizer que era uma falsificação, nunca pretendeu isso, o propósito para o qual foi usado por Voltaire.

Posso acrescentar que um livro que ultimamente atraiu atenção considerável, *La Bible dans l’Inde*, de M. Jacolliot, pertence à mesma classe de livros. Embora as passagens dos livros sagrados dos brâmanes não sejam dadas no original, mas apenas em uma tradução francesa muito poética, nenhum erudito em sânscrito hesitaria por um momento em dizer que são falsificações, e que M. Jacolliot, o presidente do Tribunal de Justiça em Chandernagore, foi enganado por seu professor nativo. Encontramos muitas coisas infantis e tolas nos Vedas, mas quando lemos a seguinte linha, como um extrato do Veda:

‘*La femme c’est l’âme de l’humanité*<sup>16</sup>.

Não é difícil ver que essa é a loucura do século XIX, e não da infância da raça humana. As conclusões e teorias de M. Jacolliot são as que se podem esperar de seus materiais<sup>17</sup>.

Com todos os documentos genuínos para estudar a história das religiões da humanidade que ultimamente foram trazidas à luz, e com as grandes facilidades que um estudo mais extenso das línguas orientais proporcionou aos estudiosos em busca de investigar as mais profundas fontes do pensamento religioso, em todo o mundo, um estudo comparativo das religiões tornou-se uma necessidade. Se nos afastássemos, outras nações e outros credos aceitariam o trabalho. Uma palestra foi recentemente proferida em Calcutá, pelo ministro da *Âdi-Samâj* (ou seja, a igreja velha), “sobre a superioridade do hinduísmo para todas as outras religiões existentes”. O conferencista sustentou que o hinduísmo era superior a todas as outras religiões porque não devia seu nome a ninguém; porque não reconheceu nenhum mediador entre Deus e o homem; porque o hindu adora Deus, no sentido intensamente devocional, como a alma da alma; porque o hindu sozinho pode adorar a Deus em todos os momentos, nos negócios e no prazer, e em tudo; porque, enquanto outras escrituras inculcam a prática da piedade e virtude em prol da felicidade eterna, as escrituras hindus sustentam que Deus deve ser adorado somente por amor a Deus, e a virtude praticada apenas pela virtude; porque o hinduísmo incute a benevolência universal, enquanto outras se referem apenas ao homem; porque o hinduísmo não é sectário (acreditando que todas as fés são boas se os homens que as seguem são boas), não proselitista, preminentemente tolerante, devocional a uma abstração inteira da mente do tempo e dos sentidos, e a concentração dela no divino; de uma antiguidade que remonta à infância da raça humana, e desde então até agora influenciou em todos os pormenores os maiores negócios do Estado e os mais ínfimos assuntos da vida doméstica<sup>18</sup>.

---

16 N.T.: A mulher é a alma da humanidade.

17 Ver *Ensaio Seleccionados*, vol. ii, p. 468 sq.

18 Ver “*Times*”, 27 de outubro de 1872.

Uma ciência da religião baseada em uma comparação imparcial e verdadeiramente científica de todas ou de todas as formas das mais importantes religiões da humanidade é, agora, apenas uma questão de tempo. É exigido por aqueles cuja voz não pode ser desconsiderada. Seu título, apesar de implicar ainda mais uma promessa do que um cumprimento, tornou-se mais ou menos familiar na Alemanha, na França e na América; seus grandes problemas atraíram os olhos de muitas investigações e seus resultados foram antecipados com medo ou prazer. Torna-se, portanto, o dever daqueles que devotaram a vida ao estudo das principais religiões do mundo em seus documentos originais, e que valorizam a religião e a reverenciam em qualquer forma que ela possa apresentar, para tomar posse deste novo território em nome da verdadeira ciência, e assim proteger seus recintos sagrados das incursões daqueles que pensam que eles têm o direito de falar sobre os brâmanes, os zoroastristas, ou budistas, ou aqueles dos judeus e cristãos, sem nunca ter a dificuldade de aprender as línguas em que seus livros sagrados estão escritos. O que devemos pensar de filósofos escrevendo sobre a religião de Homero, sem conhecer o grego ou a religião de Moisés, sem conhecer o hebraico?

Não me admiro que o senhor Matthew Arnold<sup>19</sup> tenha escarnecido da *La Science des Religions*, e concordo plenamente com ele que tais afirmações, como ele cita, tirariam o fôlego de um simples homem de letras. Mas essas declarações são apoiadas pela autoridade de algum erudito? Alguém que possa ler os Vedas ou o Antigo e o Novo Testamento no original jamais sustentou que “a sagrada teoria dos arias passou para a Palestina da Pérsia e da Índia, e esteve de posse do fundador do cristianismo e de seus maiores apóstolos, São Paulo e São João; tornando-se mais perfeito e voltando cada vez mais ao seu verdadeiro caráter de ‘metafísica transcendente’, como os doutores da Igreja Cristã o desenvolveram?”. Será que Colebrooke, ou Lassen, ou Bournouf, alguma vez sugeriram “que nós cristãos, que somos arianos, possamos ter a satisfação de pensar que a religião de Cristo não nos veio dos semitas, e que é nos hinos do Veda e não na Bíblia que devemos procurar a fonte primordial de qualquer religião, que a teoria de Cristo é a teoria do *agni* védico ou *fogo*; que a encarnação representa a solenidade védica da produção do *fogo*, símbolo de *fogo* de todo tipo, de todo movimento, vida e pensamento; que a Trindade do Pai, Filho e Espírito é a Trindade Védica do Sol, Fogo e Vento; e Deus, finalmente, uma unidade cósmica”. O Sr. Arnold cita, na verdade, o nome de Burnouf, mas ele deveria saber que Eugène Burnouf não deixou nenhum filho nem sucessor.

Aqueles que usariam um estudo comparado das religiões como um meio de reduzir o cristianismo exaltando as outras religiões da humanidade são, para mim, aliados perigosos daqueles que julgam necessário abaixar todas as outras religiões para exaltar o cristianismo. A ciência não quer partidários. Não faço segredo algum de que o verdadeiro cristianismo, quero dizer a religião de Cristo, parece-me tornar-se mais e mais exaltado quanto mais sabemos e mais apreciamos os tesouros da verdade ocultos nas religiões desprezadas do mundo. Mas, ninguém pode honestamente chegar a essa convicção, a menos que use honestamente a mesma medida para todas as religiões. Seria fatal que a religião não reivindicasse um tratamento excepcional, sobretudo para o cristianismo.

---

19 “Literatura e Dogma”, p.117.

O cristianismo não desfrutava de privilégios e não reivindicava imunidade quando corajosamente confrontava e confundia as religiões mais antigas e poderosas do mundo. Mesmo no presente, não anseia por misericórdia, e não recebe misericórdia daqueles que nossos missionários têm que enfrentar cara a cara em todas as partes do mundo. A menos que o cristianismo tenha deixado de ser o que era, seus defensores não devem se esquivar dessa nova prova de força, mas devem encorajar, em vez de depreciar, o estudo da teologia comparada.

E deixe-me observar isso, no início, que nenhuma outra religião, com a exceção, talvez, do budismo antigo, teria favorecido a ideia de uma comparação imparcial das principais religiões do mundo – alguma vez teria tolerado nossa ciência. Quase toda religião quer adotar a linguagem do fariseu e não a do coletor de impostos. Somente o cristianismo, que, como a religião da humanidade, como a religião de nenhuma casta, de nenhum povo escolhido, nos ensinou a estudar a história da humanidade, como a nossa, para descobrir os traços de uma sabedoria e amor divinos no desenvolvimento de todas as raças do mundo, e reconhecer, se possível, mesmo nas formas mais baixas e cruas de crença religiosa, não o trabalho do diabo, mas algo que indica uma orientação divina, algo que nos faz perceber, com São Pedro, “que Deus não faz acepção de pessoas, mas que em todas as nações aquele que o temia e pratica a justiça é aceito por ele”. Em nenhuma religião havia um solo tão bem preparado para o cultivo da teologia comparativa como no nosso. A posição que o cristianismo, desde o início, assumiu em relação ao judaísmo, serviu como a primeira lição em teologia comparada, e dirigiu a atenção até mesmo dos incultos para uma comparação de duas religiões, diferindo em sua concepção da divindade, em sua estima da humanidade, em seus motivos de moralidade e em sua esperança de imortalidade, mas compartilhando tanto em comum que há poucos salmos e orações no Antigo Testamento em que um cristão não pode se unir de coração agora mesmo, e poucas regras da moralidade que ele nem deveria obedecer agora. Se uma vez aprendemos a ver na religião exclusiva dos judeus uma preposição do que viria a ser a religião da humanidade que abraça a alma, sentiremos muito menos dificuldade em reconhecer nos labirintos de outras religiões um propósito oculto; uma peregrinação no deserto, pode ser, mas também uma preparação para a terra da promessa.

Um estudo dessas duas religiões, a judia e a cristã, tal como há muito tem sido realizado por alguns dos nossos mais cultos teólogos, simultaneamente com o estudo das mitologias grega e romana, serviu, de fato, como uma preparação muito útil para investigações mais amplas. Mesmo os erros que foram cometidos por estudiosos anteriores se mostraram úteis para aqueles que seguiram; e, uma vez corrigidos, não são suscetíveis de ser novamente cometidos. A opinião, por exemplo, de que as religiões pagãs eram meras corrupções da religião do Antigo Testamento, uma vez apoiadas por homens de alta autoridade e grande conhecimento, está agora tão completamente exposta quanto as tentativas de explicar o grego ou o latim como corrupções do hebraico<sup>20</sup>.

---

20 Tertuliano, “Apolog.”, xlvii: “Unde haec, oro vos, philosophis aut poetis tam consimilia. Non nisi de nostris sacraments: si de nostris sacraments, ut de prioribus, ergo fidelioris sunt nostra magisque credenda, quorum imagines quoque fidem inveniunt”. Ver Hardwick, “Christ and other Masters”, vol. i. p. 17.

A teoria, novamente, de que havia uma primitiva revelação sobrenatural concedida aos pais da raça humana, e que os grãos da verdade que nos chamam a atenção espalharam fragmentos daquela herança sagrada – as sementes que caíram à beira do caminho ou em lugares pedregosos – encontraria poucos adeptos no momento; não mais, na verdade, do que a teoria de que havia, no início, uma linguagem primitiva completa e perfeita, fragmentada nos tempos mais distantes das inúmeras línguas do mundo.

Alguns outros princípios também foram estabelecidos dentro dessa esfera limitada por uma comparação do judaísmo e do cristianismo com as religiões da Grécia e de Roma, que serão extremamente úteis para nos guiar em nossas próprias pesquisas. Ficou provado, por exemplo, que a linguagem da antiguidade não é como a linguagem de nossos tempos; que a língua do Oriente não é como a língua do Ocidente; e que, a menos que tenhamos permissão para isto, não podemos deixar de interpretar erroneamente as declarações dos mais antigos professores e poetas da raça humana. As mesmas palavras não significam a mesma coisa em anglo-saxão e inglês, em latim e francês: muito menos podemos esperar que as palavras de qualquer linguagem moderna sejam equivalentes exatos de palavras pertencentes a uma antiga língua semítica, como o hebraico do Antigo Testamento.

Palavras antigas e pensamentos antigos, pois ambos caminham juntos, ainda não chegaram ao Antigo Testamento naquele estágio de abstração em que, por exemplo, poderes ativos, naturais ou sobrenaturais, podem ser representados em qualquer coisa, menos em uma forma pessoal e mais ou menos humana. Quando falamos de uma tentação interior ou exterior, era mais natural que os antigos falassem de um temperamento, seja humano ou animal; quando falamos do auxílio sempre presente de Deus, eles chamam o Senhor de sua rocha, seu fortaleza, seu broquel e sua alta torre. Eles até falam da “Rocha que os gerou” (Dt xxxii. 18), embora num sentido muito diferente daquele em que Homero fala da rocha de onde o homem nasceu. O que conosco é uma mensagem celestial, ou uma dádiva de Deus, era para eles um mensageiro alado; o que chamamos de orientação divina, eles falam como um pilar de uma nuvem, para guiá-los pelo caminho, e uma coluna de luz para lhes dar luz; um refúgio da tempestade e uma sombra do calor. O que realmente se quer dizer é, sem dúvida, o mesmo, e a culpa é nossa, não deles, se intencionalmente interpretarmos erroneamente a linguagem dos profetas antigos, se persistirmos em entender suas palavras apenas no aspecto exterior e material, e esquecermos que antes a linguagem sancionou uma distinção entre o concreto e o abstrato, entre o puramente espiritual em oposição ao grosseiro material, a intenção dos falantes compreendeu tanto o concreto quanto o abstrato, tanto material como espiritual, de uma maneira que se tornou bastante estranha para nós, embora viva na linguagem de todo verdadeiro poeta. A menos que concedamos permissão para essa paralaxe mental, todas as nossas leituras nos antigos céus serão, e deverão ser, erradas. Não, eu acredito que pode ser provado que mais da metade das dificuldades na história da religião deve sua origem a esta interpretação constante da língua antiga pela linguagem moderna, do pensamento antigo pelo pensamento moderno, particularmente sempre que a palavra se tornou mais sagrada do que o espírito.

Que muito do que nos parece, e parecia aos melhores entre os antigos, irracional e irreverente nas mitologias da Índia, Grécia e Itália, pode ser removido, e que muitas de



suas fábulas infantis podem ser lidas novamente em seu sentido original tipo infantil, foi provado pelas pesquisas dos mitólogos comparativos. A fase da linguagem que dá origem, inevitavelmente, podemos dizer, a esses mal-entendidos, é anterior aos primeiros documentos literários. Seu trabalho nas línguas arianas foi feito antes da época do Veda, antes da época de Homero, embora sua influência continue a ser sentida em um período muito posterior.

É provável que as línguas semíticas e, mais particularmente, o hebraico, tenham escapado por um milagre de toda a influência de um processo que é inerente à própria natureza e crescimento da linguagem, e que, de fato, pode corretamente ser chamado de uma doença infantil, contra a qual nenhuma precaução pode ser de alguma utilidade?

De fato, sustento que as línguas semíticas, por razões que expliquei em uma ocasião anterior, sofreram menos da mitologia do que as línguas arianas; no entanto, temos apenas que ler os primeiros capítulos do Gênesis, a fim de nos convenceremos de que nunca entenderemos sua antiga língua, a menos que façamos permissão para a influência das antigas línguas no pensamento antigo. Se lemos, por exemplo, que depois que o primeiro homem foi criado, uma de suas costelas foi retirada, e essa costela transformou-se em mulher, todos os estudiosos da língua antiga veem de uma vez que essa história não deve ser considerada em seu sentido literal. Não precisamos insistir no fato de que, no primeiro capítulo do Gênesis, uma explicação bem menos surpreendente da criação de homem e mulher fora dada. O que poderia ser mais simples e, portanto, mais verdadeiro do que: “Assim Deus criou o homem à sua própria imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. E Deus os abençoou, e Deus disse-lhes: Sejam frutuosos e multiplicai-vos e reabasteçam a terra e a subjuguem?” A questão então é como, após esse relato da criação de homens e mulheres, poderia haver uma segunda parte da criação do homem, de seu estado solitário no jardim do Éden, e da remoção de uma de suas costelas, que foi feita uma ajudante para ele?

Aqueles que estão familiarizados com a capacidade do antigo hebraico dificilmente podem hesitar quanto à intenção original de tais tradições. Lembremo-nos de que quando nós, em nossos idiomas modernos, falamos da mesma coisa, os hebreus falam do osso (עצם), os árabes do olho de uma coisa. Este é um idioma semítico bem conhecido, e não é sem analogias em outras línguas. “Osso” parecia uma expressão para o que deveríamos chamar a essência mais íntima; “olho” para o que devemos chamar de alma ou eu de uma coisa. Nos hinos antigos do Veda, também, um poeta pergunta: “Quem já viu o primeiro-nascido, quando ele não tinha nenhum *osso*, isto é, nenhuma forma, deu à luz a quem tinha *ossos*?” isto é, quando aquilo que era forma assumida sem forma, ou, pode ser, quando aquilo que não tinha essência, recebeu uma essência? E ele prossegue perguntando: “Onde estava a vida, o sangue, a alma do mundo? Quem mandou perguntar isso de qualquer um que soubesse disso?” Na antiga língua dos Vedas, osso, sangue, respiração, todos são destinados a transmitir mais do que devemos chamar de seu significado material; mas, com o passar do tempo, o sânscrito *ātmā*, que significa originalmente respiração, diminuiu para um pronome e passou a significar a si mesmo. O mesmo se aplica ao hebraico *’etzem*. Originalmente significando osso, veio a ser usado pelo menos como um mero adjetivo pronominal, no sentido de si mesmo ou do mesmo.

Depois destas explicações preliminares, podemos entender bem que, enquanto falando e pensando em uma linguagem moderna, Adão poderia ter sido mandado a dizer a Eva: “Tu és o mesmo que eu sou”, tal pensamento seria, no antigo hebraico, expresso por “Tu és osso do meu osso e carne da minha carne”. Deixe que a expressão seja repetida apenas por algumas gerações, e uma interpretação literal, isto é, material e enganosa, logo surgirá, e as pessoas finalmente acreditarão que a primeira mulher foi formada a partir do osso do primeiro homem, ou de uma costela, pela simples razão, pode ser, porque poderia ser melhor poupado do que qualquer outro osso. Tal mal-entendido, uma vez estabelecido, manteve seu lugar por causa de sua própria estranheza, pois o gosto pelo ininteligível surge em tempos muito escuros, e ameaça destruir entre as nações antigas o poder de apreciar o que é simples, natural e saudável. Assim, só pode ser explicado que o relato da criação da mulher obteve seu lugar no segundo capítulo, embora em clara oposição ao que havia sido dito no primeiro capítulo do Gênesis<sup>21</sup>.

Nem sempre é possível resolver esses enigmas antigos, nem as interpretações que têm sido tentadas por vários estudiosos são corretas. O único princípio que defendo é este, que mal-entendidos desse tipo são inevitáveis em línguas antigas, e que devemos estar preparados para encontrá-los nas religiões do semítico, assim como nas nações arianas.

Tomemos outra religião semítica, a antiga religião da Babilônia, como nos foi descrita nos fragmentos de Berossus. As semelhanças entre essa religião e a religião dos judeus não devem ser confundidas, mas tal é o contraste entre a simplicidade da linguagem bíblica e a extravagância selvagem das teogonias babilônicas, que requer alguma coragem para adivinhar os contornos originais por trás das características distorcidas de uma caricatura medonha<sup>22</sup>.

Não temos razão para duvidar da exatidão de Berossus ao descrever a religião dos babilônios, pelo menos para o tempo em que ele viveu. Ele era babilônio de nascimento, um sacerdote do templo de Belus, um contemporâneo de Alexandre, o Grande. Ele escreveu a História dos Caldeus, em grego, evidentemente, com a intenção de ser lido pelos conquistadores gregos, e ele declarou em seu primeiro livro que o compôs a partir dos registros, astronômicos e cronológicos, que foram preservados na Babilônia, e que compreendiam um período de 200 mil anos (150 mil, segundo o Syncellus). A história de Berossus está perdida. Seus extratos foram feitos por Alexander Polyhistor, no primeiro século antes de nossa era; mas seu trabalho também está perdido. Ainda existia, no entanto, no tempo em que Eusébio (270-340) escreveu seu Chronicon, e foi usado por ele para descrever a antiga história da Babilônia. Mas a Crônica de Eusébio também está perdida, pelo menos em grego, e é apenas em uma tradução armênia de Eusébio que muitas das passagens foram preservadas para nós, que se referem à história da Babilônia, como originalmente descrito por Berossus. Essa tradução armênia foi publicada em 1818 e sua importância foi apontada pela primeira vez por Niebuhr<sup>23</sup>. Como possuímos grandes extratos de Eusébio preservados por Georgius o Syncellus,

---

21 Ver “Selected Essays”, vol. II. p. 456.

22 Bunsen, “Egito”, iv. p. 364.

23 Eusebii Pamphili Caesariensis Episcopi Chronicon Bipartitum, nunc primum ex Armeniacu textu in Latinum conversum, opera P. Jo. B. Aucher; Venetiis, 1818.

ou seja, o concellaneus, ou companheiro de célula, o vice-patriarca de Constantinopla, que escreveu uma Cronografia cerca de 800 d. C., é possível em vários lugares comparar o texto original Grego com o Armênio, e assim estabelecer a confiabilidade da tradução Armênia.

Belarus descreve assim as tradições Babilônicas da criação<sup>24</sup>:

“Houve um tempo em que tudo era escuridão e água, e nestes foram geradas criaturas monstruosas, tendo formas mistas; homens nasceram com duas e alguns com quatro asas, com duas faces, tendo um corpo, mas duas cabeças, de homem e de mulher, e portando as marcas da natureza masculina e feminina, e outros homens com as pernas e chifres de bodes, ou com os pés de cavalo, e tendo os quartos traseiros dos cavalos, mas a parte dianteira dos homens, sendo de fato como hipocentauros. Também foram produzidos touros com cabeças humanas e cães com quatro corpos, com as caudas de peixe saindo de suas partes posteriores, e cavalos com cabeças de cachorro, homens e outras criaturas, tendo cabeças e corpos de cavalos, mas caudas de peixes e outras criaturas tendo a forma de todos os tipos de animais. Além destes, peixes e répteis e cobras e muitos outros seres maravilhosos e estranhos, um tendo a aparência do outro, cujas imagens devem ser vistas no templo de Belus. Na cabeça de todos, havia uma mulher chamada Omorka<sup>25</sup> (Armen. *Marcaja*), que diz-se ser *Thalatt*<sup>26</sup> em caldeu e traduzido em grego, *Thalassa* (ou mar). Quando todos estes foram assim juntos, Belus veio e cortou a mulher em dois: e uma metade dela fez a terra, e a outra metade do céu; e ele destruiu todas as criaturas que estavam nela. Mas este relato da natureza deve ser entendido alegoricamente. Pois, quando tudo ainda estava úmido e criaturas nasceram nele, então o deus (Belus) cortou sua própria cabeça, e os deuses misturaram o sangue que fluíu dele com a terra, e formaram homens; portanto os homens são racionais e participam da inteligência divina.

E Belus, a quem eles explicam como Zeus (e os armênios como Aramazd), cortou a escuridão em dois, separou a terra e o céu um do outro e ordenou o mundo. E animais que não puderam suportar o poder da luz pereceram. E Belus, quando viu o deserto e a terra fértil, ordenou a um dos deuses que lhe cortasse a cabeça, misturasse a terra com o sangue que fluía dela e formasse homens e animais capazes de suportar o ar. E Belus estabeleceu também as estrelas e o sol, a lua e os cinco planetas”.

Nada pode ser à primeira vista mais insensato e confuso do que essa versão Babilônica da gênese da terra e do homem; No entanto, se examinarmos com mais cuidado, ainda podemos distinguir os seguintes elementos:

---

24 Eusebii Chronicon, vol. I. p. 22(ilegível) “Fragmenta Historicorum”, vol. II. p. 497.

25 Segundo Lenormani (“Dilúvio”, p. 30), Betii Um-Uruk. No armênio moderno, Am-argã é chamado de mãe-terra. O Prof. Dietrich explicou a palavra como homer-kai, a matéria do ovo. Ver “Egito” de Bunsen, iv. p. 150.

26 Sr. Sayce escreve para mim: “Talvez Lenormant esteja certo em corrigir  $\theta\alpha\lambda\tau\theta$  (quando comparado com  $\tau\alpha\nu\theta\acute{\epsilon}$  ou  $\tau\alpha\nu\theta\tau$ [ilegível] de Damascius) em  $\theta\alpha\nu\acute{\alpha}\tau\theta$ , isto é, o assírio *Tihamt* ou *Tamtu*, o mar, o hebraico  $\text{תַּהַמ}$ . Nesse caso, a correspondência do relato babilônico com Gênesis i. 2 será ainda maior”. Bunsen explicou *Talâdeth* do hebraico *yalad*, como significando “colocar ovos”. “Egito”, de Bunsen, vol. iv p. 150. Dr. Haupt (Die Sumerische-akkadische Sprache, p. 276) aponta que m, em sumério-acadiano, diminuiu para v, e que a mesma mudança pode ser observada em assírio também. Assim, o assírio *Tâmdu*, mar (= *tahmatu*, ou *ti 'amdu*, *ti 'âmtu*, stat. constr. *t 'âmat*; cf hebraico *tehom*) é representado como  $\tau\alpha\nu\theta\acute{\epsilon}$  por Damascius, “Questiones de primis principiis”, ed. Kopp p. 384, e *Damkina*, a esposa de Éa, como  $\Delta\alpha\nu$ [ilegível]

1. No começo havia trevas e água.

Em hebraico: a escuridão estava sobre a face do abismo.

2. O céu foi dividido da terra.

Em hebraico: haja um firmamento no meio das águas, e deixe-o dividir as águas das águas ..... E Deus chamou o firmamento Céu; ..... e Deus chamou a terra seca da Terra.

3. As estrelas foram feitas, e o sol e a lua e os cinco planetas.

Em hebraico: e Deus fez duas grandes luzes; a luz maior para governar o dia, e a luz menor para governar a noite; ele fez as estrelas também.

4. Animais de vários tipos foram criados.

5. Homens foram criados.

É na criação de animais, em particular, que a imaginação extravagante dos babilônios encontra seu escopo mais amplo. Dizem que a imagem dessas criaturas pode ser vista no templo de Belus, e como a descrição delas certamente concorda com algumas das figuras de deuses e heróis que agora podem ser encontradas no Museu Britânico, não é improvável que a história babilônica da criação desses monstros pode ter surgido da contemplação dos antigos ídolos nos templos da Babilônia. Mas isso ainda deixaria a concepção original de tais monstros sem explicação.

O ponto mais importante, no entanto, é que os babilônios representavam o homem como participante da inteligência divina. A linguagem simbólica na qual eles expressam essa ideia é indubitavelmente horrível e repugnante, mas vamos lembrar que o símbolo hebreu, também, de que Deus soprou nas narinas do homem o sopro da vida, é, afinal, outra tentativa fraca de expressar a mesma ideia, – uma ideia tão exaltada que nenhuma linguagem pode expressá-la sem perda ou dano.

Para adivinhar com alguma esperança de sucesso o significado original das tradições antigas, é absolutamente necessário que estejamos familiarizados com a capacidade da língua na qual tais tradições tiveram sua origem. As línguas, por exemplo, que não denotam gênero gramatical, estarão livres de muitas histórias mitológicas que, em sânscrito, grego e latim, são inevitáveis. O Dr. Bleek, o incansável aluno das línguas africanas, frequentemente se debruçou sobre esse fato. No Prefácio à sua Gramática Comparada das Línguas Sul-Africanas, publicado em 1862, ele diz:

“Pode-se dizer que as formas de uma linguagem constituem, em certo grau, a estrutura esquelética da mente humana cujos pensamentos expressam... Quão dependentes, por exemplo, os produtos mais elevados da mente humana, as ideias religiosas e concepções até de nações altamente civilizadas, pode ser que essa maneira de falar tenha sido demonstrada por Max-Müller, em seu ensaio sobre Mitologia Comparada (Oxford Essays, 1856)”<sup>27</sup>. Isto se tornará ainda mais evidente a partir de nossas pesquisas africanas. A causa primeira de adoração ancestral da única raça (kafirs, negros e polinésios) e da adoração sideral, ou daquelas formas de religião que surgiram da veneração dos corpos celestes, dos outros (nações hotentotes, norte-africanas, semitas e arianas), é fornecido pelas próprias formas de suas línguas. As nações que falam línguas que denotam gênero são marcadas por uma concepção poética mais elevada, pela qual a ação humana

---

27 “Chips from a German Workshop”, vol. II. pp. 01-146.

é transferida para outros seres e até para coisas inanimadas, em consequência do que ocorre sua personificação, formando a origem de quase todas as lendas mitológicas. Essa faculdade não é desenvolvida na mente kafir, porque não é sugerida pela forma de sua linguagem, na qual os nomes das pessoas não são (como nas linguagens denotativas de gênero) conjugadas com as dos seres inanimados nas mesmas classes ou sexos, mas estão em classes separadas, sem qualquer distinção gramatical do sexo<sup>28</sup>.

Se, portanto, sem possuir um conhecimento da língua zulu, eu me aventuro em uma interpretação de um relato da criação que surgiu no pensamento e linguagem dos zulus, eu o faço com grande hesitação, e só para mostrar, por pelo menos uma vez, que as religiões dos selvagens também terão que se submeter ao tratamento que aplicamos às tradições sagradas das nações semítica e ariana. Não ficaria surpreso se a tentativa de interpretação que me atrevo a propor se mostrasse insustentável para aqueles que estudaram os dialetos zulus, mas estarei muito mais pronto para renunciar a minha interseção do que perder a convicção de que não há base sólida para o estudo das religiões dos selvagens, exceto o estudo de sua língua.

Como é impossível chegar a algo como uma compreensão correta dos sentimentos religiosos das tribos selvagens sem um conhecimento preciso e acadêmico de seus dialetos, é melhor demonstrado pela velha controvérsia se há tribos de seres humanos inteiramente desprovidos de sentimentos religiosos ou não. Aqueles que, por alguma razão, sustentam que os sentimentos religiosos não são essenciais para a natureza humana, encontram pouca dificuldade em coletar afirmações de viajantes e missionários em apoio à sua teoria. Aqueles que defendem a opinião contrária não encontram mais dificuldade em rebater tais declarações<sup>29</sup>. Agora, o ponto real a ser resolvido antes de adotarmos uma ou outra visão é: que tipo de autoridade pode ser reivindicada por essas opiniões que citamos; será que eles realmente conheciam a língua e sabiam disso, não apenas suficientemente bem para conversar sobre assuntos comuns, mas para entrar em uma conversa amigável e sem reservas sobre assuntos sobre os quais mesmo pessoas altamente instruídas são tão capazes de entender mal umas às outras? Nós queremos informantes, na verdade, como o dr. Calaway, dr. Bleek, homens que são estudiosos e filósofos. Os selvagens são tímidos e silenciosos na presença de homens brancos, e eles têm uma relutância supersticiosa em não mencionar sequer os nomes de seus deuses e heróis. Não há muitos anos supunha-se, no que pareceria uma boa autoridade, que os zulus não tinham ideias religiosas; no momento, nossos próprios bispos foram silenciados por suas investigações teológicas.

Capitão Gardiner, em sua narrativa de uma viagem ao país Zoolu, realizada em 1835, dá o seguinte diálogo:

“Você tem algum conhecimento do poder por quem o mundo foi feito? Quando

---

28 Ver também seu Prefácio ao segundo volume da Gramática Comparada, publicada em 1869. Sr. E. B. Tylor tem algumas observações valiosas sobre os mesmos assuntos, em seu artigo sobre a Religião de Selvagens, na *Fortnightly Review*, 1866, p. 80. Visto de um ponto de vista mais elevado, não é, evidentemente, a linguagem, como tal, que domina a mente, mas o pensamento e a linguagem são apenas duas manifestações da mesma energia, mutuamente determinam uma a outra [Ilegível em várias partes do texto, portanto seu entendimento fica impossível].

29 Ver Schelling, *Werke*, vol. i. p. 72; e a resposta do Sr. E. B. Tylor ao Senhor John Lubbock, “Primitive Culture”, vol. i. p. 381.

você vê o sol nascendo e se pondo, e as árvores crescendo, você sabe quem as criou e quem as governa?”

Tpai, um zulu (depois de uma pequena pausa, aparentemente em pensamentos profundos): “Não, nós os vemos, mas não podemos dizer como eles vêm; nós supomos que eles vêm de si mesmos”.

A: “A quem você atribui seu sucesso e fracasso na guerra?”

Tpai: “Quando não somos bem sucedidos e não tomamos gado, pensamos que nosso pai (*Itongo*) não olhou para nós”.

A: “Você acha que o espírito de seu pai (*Amatongo*) fez o mundo?”

Tpai: “Não”.

A: “Onde você supõe que o espírito do homem vai depois que partem para sempre?”

Tpai: “Isso não podemos dizer; acreditamos que o espírito de nossos antepassados nos olha quando vamos à guerra; mas não pensamos nisso em nenhum outro momento”.

A: “Você admite que não pode controlar o sol ou a lua, ou até mesmo um fio de cabelo da sua cabeça para crescer. Você não tem ideia de algum poder capaz de fazer isso?”.

Tpai: “Não, não conhecemos ninguém: sabemos que não podemos fazer essas coisas e supomos que elas vêm por si mesmas”.

Pode parecer difícil encontrar um tom mais profundo das trevas religiosas do que é retratado neste diálogo. Mas, agora, vamos ouvir o relato que o rev. dr. Callaway<sup>30</sup> dá das noções religiosas fundamentais que ele, após uma longa residência entre os vários clãs de sua língua, e, o que é ainda mais importante, depois de ganhar sua confiança, foi capaz de extrair de seus velhos homens e mulheres. Todos eles acreditam, em primeiro lugar, em um ancestral de cada família particular e claro e, também, em um ancestral comum de toda a raça do homem. Esse ancestral é geralmente chamado de *unkulunkulu*, o que significa o tataravô<sup>31</sup>. Quando pressionado quanto ao pai deste tataravô, a resposta geral dos zulus parece ser que ele “se ramificou de uma cana” ou que “veio de uma cama de juncos”.

Aqui, não posso deixar de suspeitar que a linguagem tem trabalhado a girar a mitologia. Em sânscrito, a palavra (*parvan*), que significa originalmente um nó ou articulação em um junco, passa a significar um elo, um membro; e, transferido para uma família, expressa os diferentes brotos e ramos que brotam do tronco original. O nome para o caule ou raça e linhagem em sânscrito é *vamsa*, que originalmente significa um junco, uma cana de bambu. Na língua zulu, uma cana é chamada de *uthlanga*, estritamente

30 Dr. Callaway, “Unkulunkulu”, p. 54

31 Ibid. p. 48. Unkulunkulu, a palavra pela qual Deus prestou em zulu, é derivada, de acordo com Bleek, pela reduplicação de uma forma (nasalizada) da 9ª classe do adjetivo raiz -kulu (grande, enorme, velho, u-ku-kula, crescer, etc.), e parece significar originalmente um trisavô, ou o primeiro ancestral de uma família ou tribo, embora talvez a forma não-estilizada *u-kulukulu* seja atualmente mais usual nesta significação. Então, foi aplicado pela metáfora àquele ser de quem tudo derivou, que, de acordo com a tradição zulu, criou todos os homens, animais, e outras coisas para quem vida e morte são devidas etc. Em inhambane, a palavra para Deus, derivada da mesma raiz, é *Mulungulu*; em ki-hiau, Ki-kamba e kinita é *Mulungu*; em ki-suáheli, *Mlungu*; em makua, *Mulingo* ou *Mulúko*; em sofala, *Murungu*; em tete, *Murungo* ou *Morungo*; no dialeto ku-suáheli de mombas, *Mungu*; no ki-pokómo, *Mungo*; em otyi-Hereró, o *Mukuru*; veja Bleek, “Comparative Grammar”, pp. 389-394. Em *Hereró tate Muku* [ilegível] é nosso pai Mukuru; veja o “Dicionário Inglês-Hereró” de Kolbe, s.v. Deus.

falando, uma cana que é capaz de lançar fora brotos<sup>32</sup>. Vem assim, metaforicamente, significar uma fonte de ser. Um pai é o uthlanga de seus filhos, que deveriam ter se ramificado dele. Quaisquer que sejam as noções atuais sobre o que o ignorante entre os nativos possa ter sobre o significado dessa tradição, tanto parece ser, geralmente, que não se poderia pretender ensinar que os homens surgiram de uma verdadeira cana<sup>33</sup>. “Não se pode duvidar”, escreve o dr. Callaway, “que só a palavra chegou ao povo, enquanto o sentido se perdeu”.

A interpretação que me atrevo a propor desse mito zulu é a seguinte: – os zulus podem ter dito originalmente que eram todos descendentes de um junco, usando junco no mesmo sentido em que vamsa é usada em sânscrito e, portanto, não significa mais do que todos serem filhos de um pai, membros de uma raça. Como a palavra uthlanga, que veio a significar raça, reteve também seu significado original, junco, as pessoas, desacostumadas com a linguagem e o pensamento metafóricos, diriam logo que vieram de um junco, ou foram tiradas de um leito de juncos, enquanto outras levariam uthlanga para um nome próprio e o tornariam o ancestral da raça humana. Entre algumas tribos zulu, nós achamos que, enquanto Unkulunkulu é o primeiro homem, Uthlanga é representada como a primeira mulher<sup>34</sup>. Entre outras tribos onde Unkulunkulu foi o primeiro homem, Uthlanga se torna a primeira mulher (p. 58).

Toda nação, todo clã, toda família requer, mais cedo ou mais tarde, um ancestral. Mesmo em tempos comparativamente modernos, os bretões, ou os habitantes da Grã-Bretanha, estavam convencidos de que não era bom ficar sem um ancestral, e foram assegurados por Geoffrey de Monmouth que eles poderiam alegar descendência de Brutus. Da mesma maneira, os helenos, ou os antigos habitantes de Hellas, afirmavam descender de Hellen. O nome dos helênicos, originalmente restrito a uma tribo que vivia na Tessália<sup>35</sup>, tornou-se com o tempo o nome de toda a nação<sup>36</sup>, e portanto era natural que Æolos, o ancestral dos Æólios, Doros, o ancestral dos dórios, e Xuthos, o pai de Achæos e Ion, todos são representados como os filhos de Hellen. Até agora tudo é inteligível, se nos lembrarmos apenas de que é a linguagem técnica do ofício heráldico da Grécia antiga.

Mas, logo surgiu a questão: quem era o pai de Hellen, o ancestral dos gregos ou, de acordo com o horizonte intelectual dos antigos gregos, de toda a raça humana? Se ele era o ancestral de toda a raça humana, ou o primeiro homem, ele só poderia ser o filho de Zeus, o deus supremo, e assim descobrimos que Hellen é, por algumas autoridades, realmente chamado de filho de Zeus. Outros, no entanto, dão um relato diferente. Havia na Grécia, como em muitos países, a tradição de um dilúvio geral pelo qual todos os seres vivos haviam sido destruídos, exceto alguns que escaparam em um barco e que, depois que o dilúvio diminuiu, repovoaram a terra. A pessoa assim poupada, segundo

---

32 Dr. Callaway. “Unkulunkulu”, p. 02, nota.

33 Em Hereró, “tua memua i Mukuru” significa que fomos criados, ou seja, quebrados da omumborombonga (árvore da criação) de forma Hereró por Mukuru; ver “Dicionário Inglês-Hereró de Kolbe, s. v. Deus.

34 Dr. Callaway, “Unkulunkulu”, p. 58. De acordo com o Popol Vuh, a primeira mulher foi criada da essência do junco. Ver “Selected Essays”, ii. p. 394-

35 Homero. II, 2. 684-

36 Tucídides. I.3.

as tradições gregas, era chamada Deucalião, o soberano da Tessália, filho de Prometeu. Prometeu lhe disse para construir um navio e fornecer provisões, e quando o dilúvio veio, ele e sua esposa Pirra foram as únicas pessoas que escaparam.

Assim, será visto que os gregos tinham realmente dois ancestrais da raça humana, Hellen e Deukalion e, a fim de remover esta dificuldade, nada restou senão fazer de Hellen o filho de Deukalion. Tudo isso é perfeitamente natural e inteligível, se aprendermos a falar, e não apenas a falar, mas também a pensar a linguagem do mundo antigo.

A história, então, explica como Deucalião se tornou o pai de todas as pessoas na terra; que ele e sua esposa Pirra foram orientados a atirar pedras (ou os ossos da terra) para trás, e que essas pedras se tornaram homem e mulher. Ora, aqui temos claramente um mito ou um milagre – um milagre também, sem qualquer justificativa, pois se Pirra era a esposa de Deucalião, por que Hellen não seria seu filho? Tudo fica claro, se olharmos para a língua em que a história é contada. Pirra significa vermelho e originalmente era um nome para a terra vermelha. Como os helenos alegavam ser indígenas ou autóctones, nascidos da terra onde viviam, Pirra, a terra vermelha, era naturalmente chamada de mãe deles, e sendo a mãe dos helenos, ela precisa ser feita a esposa de Deucalião, o pai de todos os helenos. Originalmente, porém, Deucalião, como Manu na Índia, foi representado como tendo escapado sozinho do dilúvio e, portanto, o novo problema de como, sem esposa, ele poderia ter se tornado o pai do povo? Foi nessa perplexidade, sem dúvida, que o mito surgiu de suas pedras de lançamento, e essas pedras se tornaram a nova população da Terra. A palavra grega para pessoas era λαός, aquela para pedras λίθες; – então, o que poderia ser mais natural, quando as crianças perguntaram de onde vieram os λαός, ou as pessoas de Deucalião, do que dizer que vieram de λίθες ou pedras<sup>37</sup>?

Eu poderia dar muitos outros exemplos do mesmo tipo, todos mostrando que havia um significado nas tradições mais sem sentido da antiguidade, todos mostrando, o que é ainda mais importante, que essas tradições, muitas delas em seu estado atual, são absurdas e repulsivas, recuperam um caráter simples, inteligível e até mesmo belo se as despirmos da crosta que a linguagem, em sua inevitável decadência, formou ao redor deles.

Nunca perdemos, sempre ganhamos, quando descobrimos a intenção mais antiga das tradições sagradas, em vez de ficarmos satisfeitos com seu aspecto posterior e com suas más interpretações modernas. Perdemos alguma coisa se, enquanto lemos a história de Hefesto abrindo com seu machado a cabeça de Zeus, e Atena saindo dela, completamente armada, percebemos por trás dessa imagem selvagem, Zeus como o Céu brilhante, sua testa como o Oriente, Hefesto como o jovem Sol, ainda não nascido, e Atena como o alvorecer, a filha do Céu, saindo da fonte da cabeça da luz –

Γλανκῶπις, com olhos de uma coruja (e como são bonitos);

Παρθένος, pura como uma virgem;

Χρύσεια, a dourada;

---

37 Os índios norte-americanos disseram a Roger Willians, que “eles ouviram de seus pais que Kautantowwit fez um homem e uma mulher de pedra e, não gostando, ele os quebrou em pedaços e fez outro homem e mulher de uma árvore, que era fonte de toda a humanidade”, “Publications of Narraganset Club”, vol. i. p. 158.



Ἄκρῖα, iluminando os topos das montanhas e seu próprio glorioso Parthenon em sua cidade favorita de Atenas;

Παλλάς, girando os eixos da luz;

Ἄλέα, o calor genial da manhã;

Πρόμαχος, a principal campeã na batalha entre a noite e o dia;

Πάνοπλος, com armadura completa, em sua panóplia de luz, afastando a escuridão da noite e despertando os homens para uma vida brilhante, para pensamentos brilhantes, para brilhantes esforços?

Os deuses gregos perderiam em nossos olhos se, em vez de acreditarem que Apolo e Ártemis assassinaram os doze filhos de Niobe, percebemos que Niobe era, em um período anterior da linguagem, um nome de neve e inverno, e que nada mais era pretendido pelo antigo poeta que Apolo e Ártemis, as divindades vernais, devem matar todos os anos, com seus dardos, os filhos brúcidos e bonitos, mas condenados da neve? Não é algo que vale a pena conhecer, que vale a pena para nós após o lapso de quatro ou cinco mil anos, que antes da separação da raça ariana, que antes da existência do sânscrito, grego ou latim, antes dos deuses do Veda terem sido adorados, e antes que houvesse um santuário de Zeus entre os carvalhos sagrados de Dodona, uma Divindade suprema havia sido encontrada, tinha sido nomeada, tinha sido invocada pelos ancestrais de nossa raça e tinha sido invocada por um nome que nunca foi invocado que destacou-se por qualquer outro nome, Dyaus, Zeus, Júpiter, Tyr, – todos significando originalmente luz e brilho, um conceito que de um lado se materializou como céu, manhã e dia, enquanto no outro se desenvolveu em um nome dos brilhantes seres celestiais, os Devas, como uma das primeiras expressões do Divino?

Não, se um exame crítico da linguagem antiga de nossa própria religião não leva a resultados piores do que aqueles que se seguiram de uma interpretação cuidadosa da linguagem petrificada da Índia e da Grécia antigas, não precisamos temer; nós seremos ganhadores, não perdedores. Como um antigo metal precioso, a religião antiga, depois removida a ferrugem dos séculos, sairá em toda a sua pureza e brilho: e a imagem que ela revela será a imagem do Pai; o Pai de todas as nações na terra; e a inscrição, quando pudermos ler de novo, será, não apenas na Judeia, mas nas línguas de todas as raças do mundo, a Palavra de Deus, revelada, onde somente ela pode ser revelada, revelada no coração do homem.

Recebido: 16 de dezembro de 2019.

Aprovado: 4 de junho de 2020.